

«FERRER I GUÀRDIA E A PEDAGOGIA RACIONAL: UMA EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE»

SILVIO GALLO

A "Pedagogia Racional" de Francesc Ferrer i Guàrdia inscreve-se na tradição da educação libertária. Podemos percebê-la como o coroamento prático de todo um desenvolvimento teórico que se fez no seio do movimento libertário, desde William GODWIN, em fins do século XVIII, e passando pelos grandes clássicos do anarquismo, como Pierre-Joseph PROUDHON e Mikhail BAKUNIN durante o século XIX e finalmente, com Paul ROBIN, Elisée RECLUS e Piotro KROPOTKIN, estes contemporâneos de Ferrer, na virada do século.

Outras influências podem ser arroladas, sobretudo aquelas que, de fora do anarquismo, acabaram por contribuir, com seu teor libertário, para a construção de uma educação dedicada à emancipação humana e à construção de uma sociedade igualitária. Nesta tradição, remontamos a RABELAIS que, imbuído do utopismo renascentista, nos dá uma deliciosa utopia pedagógica onde aparecem já os germes daquilo que os anarquistas consolidariam como uma "educação integral"; boa parte dos fundamentos pedagógicos dos anarquistas podem ainda ser encontrados em Jean-Jacques ROUSSEAU, para quem era necessário que se criasse um novo homem, para uma nova sociedade —este pode ser considerado o fundamento básico de toda a pedagogia libertária—, e em Rousseau podem ser encontrados o respeito ao indivíduo, o culto à liberdade, a educação ligada à natureza, para despertar e garantir o desenvolvimento de toda a potencialidade humana, temas bastante caros aos anarquistas. Rousseau, entretanto, está dametralmente afastado dos anarquistas: embora estes últimos lhe respeitem pelas suas considerações sobre a liberdade, sobretudo na educação, o primeiro estava a serviço da sociedade que os anarquistas querem destruir. Assim, Rousseau defendia a liberdade, mas a liberdade burguesa; defendia o individualismo, mas o individualismo burguês; lutava por uma nova sociedade, a sociedade burguesa que se consolidaria com a Revolução Francesa. Os anarquistas, por sua vez, tomam Rousseau e o superam, tornando *sociais* todas as suas intenções *individuais*; assim, os libertários transformam a liberdade e a individualidade em fatos sociais, só encontrando sentido em meio à comunidade dos homens, em meio à sua solidariedade, e não como expressão da *competição*, que só leva a "sucessos" individuais. Ainda na esteira de Rousseau, podemos citar mais dois educadores que, embora trabalhando a educação do ponto de vista burguês, teriam com seus métodos uma influência na educação libertária: FROEBEL e PESTALOZZI.

A pedagogia anarquista é o resultado da confluência desta nova tendência da educação burguesa, que se desenvolve em torno de uma afirmação da liberdade, com a crítica social do movimento libertário, que se traduzna proposta de construção de um novo mundo e de um novo homem, realidades indissociáveis e de construção simultânea, na perspectiva dialética libertária.

Educação e Liberdade: uma nova perspectiva

Um conceito chave para a compreensão de pedagogia anarquista é conceito de liberdade. Como a conceituação dos anarquistas é um tanto ou quanto diferente daquela que chega até nós pela filosofia política clássica que, baseada no

Iluminismo, faz uma interpretação burguesa da liberdade, convém que explicitemos aqui o conceito anarquista de liberdade, para que assim possamos entender a real dimensão de sua proposta educacional.

Segundo a filosofia política burguesa, a liberdade é um fato *natural*, faz parte de natureza humana, e a sociedade é um empecilho para a sua realização, pois a liberdade de um indivíduo limita a liberdade do outro. Cumpre que se organize a sociedade de modo a permitir a liberdade de todos, o que é resolvido através da *lei*. Todas as pessoas são *declaradas* livres e iguais, o que transforma a liberdade, nos moldes burgueses, em pura abstração metafísica.

Como a abstração da liberdade é fruto de sua afirmação como fato natural, os anarquistas vão trabalhar justamente a outra posição: a liberdade é um fato social; isto é, a liberdade não faz parte do homem, mas é conquistada, construída pela comunidade.

Segundo PROUDHON, existem dois tipos de liberdade: a liberdade simples, vivida no isolamento e na individualidade, pelos bárbaros pouco civilizados; e a liberdade composta, aquela vivida pelos indivíduos em sociedade, e que na verdade é um equilíbrio dinâmico de forças. Como ele afirma, na perspectiva bárbara o máximo de liberdade equivale ao máximo de isolamento, quando não há ninguém mais para limitar a liberdade do indivíduo. Por outro lado, do ponto de vista social, quando liberdade e solidariedade se equivalem, o máximo de liberdade significaria o máximo de relacionamento possível com os outros homens, pois desta perspectiva as liberdades não se limitam, mas se completam, se auxiliam. Ao contrário da perspectiva burguesa, a liberdade de um não termina onde começa a liberdade de outro, mas ambas as liberdades começam *juntas*, e uma é a garantia da outra.

Mikhail BAKUNIN toma esta concepção de PROUDHON e a aprofunda, levantando severas críticas ao conceito de liberdade trabalhado de uma perspectiva burguesa por filósofos como John LOCKE ou Jean-Jacques ROUSSEAU. À idéia de liberdade como uma característica natural do homem, BAKUNIN opõe a idéia da liberdade como uma construção eminentemente social, possível apenas em sociedade. Segundo ele, a liberdade é o ponto de chegada do homem, e não o ponto de partida, como queria ROUSSEAU, pois nos começos da história, estando o homem inconsciente de si, ele era como um marionete nas mãos das forças naturais. Sua vida regia-se pelo princípio da necessidade, fazia aquilo que era necessário para a sua sobrevivência, vivia sob o jugo da fatalidade. Com o processo cultural e o desenvolvimento da civilização, o homem vai aos poucos se libertando das fatalidades naturais, construindo seu mundo e conquistando a liberdade.

A concepção materialista de BAKUNIN mostra que a liberdade, longe de ser um fato natural, é um fato cultural. Em outras palavras, enquanto, o homem produz cultura ou seja, se produz, ele conquista também a liberdade. Deste modo, o homem e a liberdade nascem juntos: um é criação do outro, um só existe pelo outro. É um processo de dupla ação: quanto mais o homem se "humaniza", mais livre ele fica, e quanto mais livre, mais humano. Conclui-se então que

ao assumir-se plenamente homem, conquista-se o máximo de liberdade. Mas o máximo de liberdade, como já havíamos visto com PROUDHON, ocorre quando todos os indivíduos são livres, pois as liberdades se completam. Uma sociedade aocialista libertária seria, pois, a realização do homem completo, livre e senhor de suas habilidades.

"A liberdade dos indivíduos não é um fato individual, é um fato, um produto coletivo. Nenhum homem poderia ser livre fora e sem o concurso de toda a sociedade humana" (BAKUNIN, 1980, p. 127). A liberdade será sempre uma conquista de conjunto, comunitária, e só terá sentido se conquistada por todos e para todos. Não poderíamos dizer da sociedade capitalista, por exemplo, ser uma sociedade livre, pois a liberdade dos burgueses está condicionada à exploração do proletariado, não sendo pois uma verdadeira liberdade. Só uma sociedade anarquista poderia realizar a verdadeira liberdade, dando condições para o pleno desenvolvimento de todas as potencialidades humanas para todos, em igualdade e justiça.

E qual o papel da educação neste processo de construção social da liberdade? BAKUNIN afirma que a educação e a instrução são de fundamental importância para a conquista da liberdade, pois é através da educação (seja aquela institucional, realizada nas escolas, seja aquela informal, realizada pela família e pela sociedade como um todo) que as pessoas entram em contato com toda a cultura produzida pela humanidade, desde seus primórdios. Ele já percebe que a educação pode assumir uma importante função de desalienação, de destruição da ideologia da dominação e de criação de uma nova mentalidade revolucionária.

É importante que percebamos que os escritos anarquistas sobre a educação são-se em duas frentes: por um lado, é feita uma crítica contundente ao ensino que as classes dominantes —normalmente via Estado— oferecem ao operariado, com o objetivo de fazer aceitá-lo docilmente a dominação. Um exemplo desta crítica temos em um texto escrito em 1925 por um dos animadores do movimento libertário no Brasil, José OITICICA, do qual destacamos o seguinte trecho:

"Compreende-se que, para os possuidores, é de toda importância manter os cidadãos, mormente os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem, sem revolta, e defendam convencidos o regime social vigente. Por isso, o Estado assume as funções de pedagogo, sobretudo das classes primárias, do povo" (OITICICA, 1983, p. 30).

Por outro lado, os anarquistas dedicam-se à elaboração teórica e prática de um processo educacional que seja o caminho para a conquista da liberdade e a realização das possibilidades que existem em toda criança.

Do ponto de vista libertário, a educação existente na época —e que, lamentavelmente persiste ainda hoje—, seja a estatal, seja a particular (que, com muita frequência, não ia além das escolas confessionais, religiosas) era veiculadora de erros e preconceitos. Essa educação não preparava as pessoas para pensar, para estar de prontidão com relação ao conhecimento, para desvendar o mundo. Apresentava, isso sim, uma noção de homem e uma visão de mundo prontas e acabadas, elaboradas com base em pressupostos totalmente falsos, com o objetivo de perpetuar o estado de coisas. Em outras palavras, não se ensinava a *conhecer* o mundo, mas, mais propriamente, era ensinado um *certo conhecimento* do mundo, conhecimento este que dava a segurança de se viver em um mundo sem mistérios, mas que levava ao medo do risco, à morte da criatividade, da originalidade, da liberdade...

No livro "A Educação pela Arte", o filósofo libertário Herbert READ afirma que, ao falarmos no assunto educação, existem apenas dois objetivos pelos quais ela pode pautar-se: ou se educa a pessoa para que ela venha a ser o que realmente é, ou se educa a pessoa para que ela venha a ser o que ela não é, mas o que o sistema social quer que ela seja. A educação oferecida pelo Estado tem por objetivo moldar as pessoas, transformá-las em seres que reproduzam coti-

dianamente a ideologia do sistema. A educação libertária, ao contrário, tem o objetivo de preparar o livre desenvolvimento de todas as faculdades das pessoas, para que elas possam desenvolver sua autonomia e sua liberdade, percebendo-se em relação com a comunidade e como parte dela.

Para os anarquistas, a educação é um dos aspectos da revolução social. Não que a educação *prepare* a revolução, mas ela em si mesma já é a revolução. A partir do momento que se educam pessoas para a liberdade e a igualdade no seio de uma sociedade de exploração e desigualdade, já se está fazendo a revolução: está-se começando a mudar as consciências, está-se permitindo que se veja o mundo de outra maneira, fora da ótica da dominação. E ver de outro modo é o primeiro passo para a transformação, pois ninguém transforma nada se não consegue ver que as coisas podem ser diferentes. Como o *saber* é um dos sustentáculos do *poder*, o domínio do conhecimento é a base do domínio econômico. Manter as massas na ignorância é mantê-las na miséria, por não terem condições práticas de organização, de reivindicação dos direitos dos quais elas nem tomam conhecimento. Logicamente, para o fim das desigualdades é necessário que o saber seja distribuído integral e igualmente para toda a sociedade. É necessário que todos dominem o conhecimento disponível, já que ele é produzido com o concurso de toda a sociedade.

Resumindo, a educação anarquista pretende criar um novo homem e, com ele, uma nova sociedade, fundada na liberdade, na solidariedade e na justiça. Para tanto, a pedagogia libertária procura sempre dar condições às crianças para que tenham um desenvolvimento harmônico e sadio, aprendendo a prática da solidariedade e o respeito aos outros, mas também aprendendo a afirmar-se a si mesma, a construir-se autonomamente. Os métodos pedagógicos libertários não abandonam a criança em sua suposta liberdade, mas ajudam a conquistar sua liberdade em comunidade com as demais pessoas com que convive, entendendo com isso que sua própria liberdade só é possível através da liberdade de toda a sociedade e de relacionamentos solidários entre os homens. Como processo formador de homens livres e conscientes, a educação tem para os anarquistas um importante papel na revolução social. E é neste contexto —e não em um contexto de liberdade burguesa, como o movimento da "Escola Nova" (ou *Éducation nouvelle*), como querem alguns— que devemos situar a Pedagogia Racional de Ferrer i Guàrdia.

A Pedagogia Racional como uma educação para a Liberdade

A base filosófica da educação anarquista, como já dissemos, é formada pelos conceitos de liberdade na educação de ROUSSEAU e alguns de seus seguidores, principalmente FROEBEL e PESTALOZZI; no caso específico da Pedagogia Racional de Ferrer, devemos ainda acrescentar uma tradição advinda do Iluminismo —e de sua nova roupagem no século dezanove, o Positivismo de Auguste Comte— de afirmar a Razão como a redentora da humanidade e o caminho do progresso. Ferrer não foi um homem que separou-se de seu tempo; esteve sempre projetando-se, buscando o futuro, mas sempre com base em seu tempo, com os pés firmes no chão da certeza e da esperança. Como homem de seu tempo, não escapou às influências do Positivismo e sua confiança na libertação do homem pela ciência; como buscador de futuro, foi um dos pioneiros no lançamento das bases de uma educação científica. A experiência de Francesc Ferrer i Guàrdia foi singular em muitos aspectos.

Para Ferrer a escola é geradora de futuro: tudo dela brota, sejam os libertários, sejam os tiranos; seja uma sociedade fraternal e igualitária, seja a sociedade de exploração que nos domina s todos:

"El porvenir ha de brotar de la escuela. Todo lo que se edifique sobre otra base es construir sobre arena. Mas, por desgracia, la escuela puede lo mismo servir de cimiento a los

baluartes de la tiranía que a los alcázares de la libertad. De este punto de partida arrancan así la barbarie como la civilización" (FERRER i GUARDIA, 1912, P. 22).

Para que a escola seja o veículo da liberdade e da nova sociedade, e não da exploração e injustiças da atual, ela deve ser um centro onde seja disseminada a verdade e onde a ciência, construída por todos, deve ser igualmente distribuída entre todos.

"La verdad es de todos y socialmente se debe a todo el mundo. Ponerle precio, reservarla como monopolio de los poderosos, dejar en sistemática ignorancia a los humildes y, lo que es peor, darles una verdad dogmática y oficial en contradicción con la ciencia para que acepten sin protesta su ínfimo y deplorable estado, bajo un régimen político democrático es una indignidad intolerable, y, por mi parte, juzgo que la más eficaz protesta y la más positiva acción revolucionaria consiste en dar a los oprimidos, a los desheredados y a cuantos sientan impulsos justicieros esa verdad que se les estafa, determinante de las energías suficientes para la gran obra de la regeneración de la sociedad" (idem. pp. 20-21).

No trecho acima citado, Ferrer afirma seus objetivos revolucionários e subscreve a teoria libertária de que construir uma nova educação, que leve à liberdade e à justiça, criando um novo homem, é já parte do caminho da construção de uma nova sociedade, é parte do processo revolucionário. Assim, embora se declare ele próprio "tan positivista como idealista", é inegável que ele se distancia enormemente dos positivistas propriamente ditos, que acreditavam que a ciência por si só traria a emancipação e o progresso. Para Ferrer a ciência pode realmente ser o progresso, mas desde que seja devidamente distribuída por toda a sociedade; o progresso para alguns, enquanto a massa permanece na miséria, os avanços conseguidos com base na miséria não representam o verdadeiro progresso da humanidade. Só com a justa distribuição da ciência, através de escolas renovadas e libertárias, o progresso será o progresso da humanidade e a ciência estará cumprido seu objetivo de emancipação social: mas este processo é uma verdadeira revolução social, pois subverte as bases do poder e da dominação econômica.

Para promover esta justa distribuição do conhecimento científico, o racionalismo pedagógico é centrado no ensino das ciências naturais. No programa de abertura da *Escuela Moderna* lê-se:

"La misión de la Escuela Moderna consiste en hacer que los niños y niñas que se le confien lleguen a ser personas instruidas, verídicas, justas y libres de todo prejuicio.

"Para ello, sustituirá el estudio dogmático por el razonado de las ciencias naturales" (FERRER i GUARDIA, 1912, p. 21).

Como a educação praticada na época — especialmente em Espanha — era basicamente religiosa, calcada nos dogmas da Igreja e na moral cristã, a *Escuela Moderna* propõe uma educação fundada na ciência, em especial nas ciências da natureza, o que garantia um *laicismo* e um *materialismo*, tão ao gosto dos ideais positivos e das teorias socialistas. Com isso, Ferrer pretende destruir todo o arcabouço de "erros e preconceitos" construído pela educação tradicional com o objetivo de tornar as classes populares dóceis e submissas, confiantes na esperança de um mundo melhor "no reino de Deus", e assim garantindo a perpetuação do sistema social de dominação. Para que as massas não fossem mantidas na ignorância dos dogmas, garantindo com seu trabalho semi-escravo um progresso científico e tecnológico ao qual não tinham acesso, a *Escuela Moderna* procura fazer com que a educação seja o contato com o legado científico da humanidade, garantindo a todos o acesso a uma sabedoria que permita uma vida melhor e que seja a base de um progresso científico ainda maior.

O ensino de ciências na *Escuela Moderna* é também inovador: é um ensino eminentemente prático, onde as áridas aulas teóricas são trocadas por atividades práticas em contato com a natureza, seu objeto de estudo. Para isso, tanto

a escola estava equipada com laboratórios e equipamentos bastante avançados para a educação da época, quanto eram realizados passeios e excursões com o objetivo de se fazer observações que depois seriam discutidas e trabalhadas teoricamente.

"Se renovarán, pues, por completo las bases de la educación actual: en lugar de fundar todo sobre la instrucción teórica, sobre la adquisición de conocimientos que no tienen significación para el niño, se partirá de la instrucción práctica, aquélla cuyo objeto se le muestra claramente, es decir, se comenzará por la enseñanza del trabajo manual.

"La razón de ello es lógica. La instrucción por sí, no tiene utilidad para el niño. No comprende por qué se le enseña a leer, escribir, y se les atesta la cabeza de física, de geografía o de historia. Todo eso le parece completamente inútil y lo demuestra resistiéndose a ello con todas sus fuerzas. Se llena de ciencia, y lo desecha lo más pronto posible, y nótese bien que en todas partes, lo mismo en la educación moral y física que en la educación intelectual, la razón natural ausente se reemplaza por la razón artificial" (FERRER i GUARDIA, 1912, pp. 126-127).

Apesar da importância dada à ciência, em Ferrer o racionalismo e o positivismo clássico aparecem de certo modo invertidos: a ciência só tem sentido se estiver a serviço do homem, e não ao contrário; e a razão, embora seja o centro do conhecimento, é encarada apenas como uma das facetas do homem, formando um conjunto com as emoções, os desejos, etc. um verdadeiro "sacrilégio" para o racionalismo clássico, que vê na razão a mestra única. Ferrer i Guàrdia acha que os conhecimentos devem ser bem fundados na razão, mas o processo pedagógico deve estar intrinsecamente ligado com as emoções:

"Además, no se educa íntegramente al hombre disciplinando su inteligencia, haciendo caso omiso del corazón y relegando la voluntad. El hombre, en la unidad de su funcionalismo cerebral, es un complejo; tiene varias facetas fundamentales, es una energía que ve, afecto que rechaza o se adhiere lo concebido y voluntad que cuaja en actos lo percibido y amado" (...)

"Trataremos que las representaciones intelectuales, que al educado le sugiera la ciencia, las convierta en jugo de sentimiento, íntensamente las ame. Porque el sentimiento, cuando es fuerte, penetra y se difunde por lo más hondo del organismo del hombre, perfilando y colorando el carácter de las personas" (FERRER i GUARDIA, 1912, pp. 27-28).

Na tradição rousseauiana, o racionalismo pedagógico da *Escuela Moderna* expressa um profundo respeito pela criança, trabalhando o processo educativo de modo a não impor conceitos, mas sim de dar condições para que ela desenvolva plenamente as suas potencialidades. Metodologicamente, Ferrer foi um inovador, criando transformando e adaptando uma série de estratégias que procuravam desenvolver a liberdade da criança e sua socialização, mas que só ficariam bastante conhecidas ao serem trabalhadas depois por alguns educadores que ficariam conhecidos como os representantes da *Éducation nouvelle*, como FREINET ou MONTESSORI, por exemplo. Mas, como já vínhamos afirmando, o racionalismo pedagógico afasta-se desta corrente pedagógica devido à sua conotação de transformação social e não de "ajustamento", e pela sua concepção de liberdade como fato social e não natural e individual.

E Ferrer não deixa dúvidas quanto às intenções revolucionárias da pedagogia racional e dos homens que ela pretende construir:

"No tememos decirlo: queremos hombres capaces de destruir, de renovar constantemente los medios y renovarse ellos mismos; hombres cuya independencia intelectual sea la fuerza suprema, que no se sujeten jamás a nada; dispuestos siempre a aceptar lo mejor, dichosos por el triunfo de las ideas nuevas y que aspiren a vivir vidas múltiples en una sola vida. La sociedad teme tales hombres: no puede, pues, espe-

rarse que quiera jamás una educación capaz de producirlos" (FERRER i GUÀRDIA, 1912, pp. 60-61).

Estes são apenas alguns dentre os muitos tópicos do pensamento e prática pedagógicos de Francesc Ferrer i Guàrdia, que podem nos mostrar que seu racionalismo pedagógico é, em sua essência, uma educação para a liberdade dentro da mais pura tradição dos anarquistas comprometidos com o movimento operário e com a construção de uma sociedade socialista libertária. Para concluir reafirmando a proposta libertária de Ferrer, citamos aqui o trecho final de uma carta por ele escrita em 01/05/1907, quando preso na *Cárcel Modelo de Madrid*:

"La enseñanza racionalista y científica de la Escuela Moderna ha de abarcar, como se ve, el estudio de cuanto sea favorable a la libertad del individuo y a la armonía de la colectividad, mediante un régimen de paz, amor y bienestar para todos sin distinción de clases ni de sexo" (FERRER i GUÀRDIA, 1978, p. 229).

A actualidade de Ferrer i Guàrdia

"Educar equivale actualmente a domar, adiestrar, domesticar. No creo que los sistemas empleados hayan sido combinados con exacto conocimiento de causa para obtener los resultados deseados, pues esto supondría genio; pero las cosas suceden exactamente como si esa educación respondiera a una vasta concepción de conjunto realmente notable: no podría haberse hecho mejor. Para realizarla se han inspirado sencillamente en los principios de disciplina y de autoridad que guían a los organizadores sociales de todos los tiempos, quienes no tienen más que una idea muy clara y una voluntad, a saber: que los niños se habitúen a obedecer, a creer y a pensar según los dogmas sociales que nos rigen. Esto sentado, la instrucción no puede ser más que lo que es hoy. No se trata de secundar el desarrollo espontáneo de las facultades del niño, de dejarle buscar libremente la satisfacción de sus necesidades físicas, intelectuales y morales; se trata de imponer pensamientos hechos; de impedirle para siempre pensar de otra manera que la necesaria para la conservación de las instituciones de esta sociedad; de hacer de él, en suma, un individuo estrictamente adaptado al mecanismo social" (FERRER i GUÀRDIA, 1912, p. 59).

O "hoje" de Ferrer na primeira década do século parece ser o mesmo "hoje" da última década do século: suas palavras segem sendo absolutamente atuais. Ainda hoje a educação é uma "domesticação", ainda hoje a escola é o centro de um processo de criação, de engrenagens para o mecanismo social, permanentemente azeitado pela falsa ciência da dominação.

O movimento da *Éducation nouvelle* e seus vários animadores, se verdadeiramente trouxe algumas renovações na escola, sobretudo no aspecto da relação do professor com a criança, consolidando de uma vez por todas a orientação rousseauiana, não renovou as bases ideológicas da escola. Movimento burguês, a *Éducation nouvelle* trabalhou a li-

berdade no contexto individualista do Liberalismo, e garantiu que a "liberdade" ficasse dentro de limites que não colocassem em risco a sociedade capitalista. A liberdade até aqui trabalhada pela escola é a liberdade de concorrência, de luta social pelo lucro, e entronizou a figura do "yuppie". A educação, renovada ou não, continuou reproduzindo a ideologia do sistema e garantindo a sua reprodução.

E esta função da escola assume hoje uma feição ainda mais grave, pois apresenta-se de forma muito mais velada. Sob um certo laicismo, sob a máscara de uma certa liberdade, sob a alcunha de uma falsa modernidade, a escola deste final de século continua fiel ao seu objetivo de reprodução social; além disso, a eficiência de hoje é ainda maior que há noventa anos, pois a dissimulação dificulta a consciência da dominação, o que torna a revolta muito menos provável.

Por tudo isso, Ferrer continua atual, e é importante que sua obra seja estudada e divulgada. A educação para a liberdade hoje deve ter em Ferrer um dos seus pilares, se não quiser "reinventar a roda".

Para que da escola possa brotar um futuro libertário, para que a educação produza os homens capazes de destruir a velha ordem e capazes de renovar a si mesmos e à sociedade constantemente, capazes de viver em liberdade e solidariedade, os educadores do final do século vinte têm muito a aprender com o educador Francesc Ferrer i Guàrdia e sua experiência do início do século, a *Escuela Moderna*.

Bibliografia resumida

1. ARVON, H., "El Anarquismo en el Siglo XX", Madrid, Taurus, 1979.
2. BAKUNIN, M., "Dios y el Estado", Madrid, Júcar, 1979, 4ed.
3. BAKUNIN, M., "La libertad", Madrid, Júcar, 1980, 2 ed.
4. DOMMANGET, M. "Los Grandes Socialistas y la Educación", Madrid, Fragua, 1972.
5. FERRER i GUÀRDIA, F. "La Escuela Moderna", Barcelona, Solidaridad, 1912.
6. FERRER i GUÀRDIA, F. "La Escuela Moderna", Barcelona, Tusquets, 1978.
7. LUIZZETTO, F. "Utopias Anarquistas", São Paulo, Brasiliense, 1987.
8. MORIYÓN, F.G. (org.), "Educação Libertária", Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
9. PROUDHON, P. J. "A Nova Sociedade", Porto, Rés, s/d.
10. SOLÀ, P. "Las Escuelas Racionalistas en Cataluña (1909-1939)", Barcelona, Tusquets, 1978, 2ed.
11. TOMASI, T. "Ideologie Libertaire e Formazione Umana", Firenze, La Nuova Italia, 1973.
12. "Juicio Ordinario Seguido ante los Tribunales Militares en la Plaza de Barcelona contra Francisco Ferrer Guardia", Palma de Mallorca, Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorivs, 1977.

(1) M. Dommanget, *Los grandes socialistas y la educación*, Madrid, 1972, p. 395.
(2) Tina Tomassi, *Breviario del pensamiento educativo libertario*, Móstoles, Cali, 1988, pp. 223-224.
(3) Jacinto Huitrón, *Orígenes e historia del movimiento obrero en México*, México, 1980, p. 198.
(4) Max Nettlaux, "Viaje libertario a través de América Latina" *Reconstruir* 77, p. 40.
(5) John M. Hart, *El anarquismo y la clase obrera mexicana 1860-1980*, p. 150.
(6) J. Huitrón, op., cit. p. 199.
(7) J. Huitrón, op., cit. p. 206.
(8) J. Huitrón, op., cit. pp. 213-215.
(9) J. M. Hart, op., cit. p. 153.